

“Docha”: pelo direito à reinvenção do espaço por bebês e crianças

Sonia Maria Fernandes

LOPES, Jader Janer Moreira. *Terreno baldio: um livro sobre balbuciar e criar os espaços para desacostumar geografias – por uma teoria sobre a espacialização da vida de bebês e crianças*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2021. 199 p.

Fruto do memorial para promoção a professor titular de Jader Janer Moreira Lopes, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), o livro destina-se a pesquisadores e pesquisadoras das infâncias e suas espacialidades, trabalhadores e trabalhadoras da educação e, acima de tudo, pessoas que reconhecem a potencialidade da criança em relação à invenção do espaço. A obra conta com o prefácio de Serguei Jerebtsov, professor titular do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade Estatal de Pedagogia da Bielorrússia, que destaca, entre outras coisas, a relevância do conceito de topogênese, enquanto teoria do desenvolvimento espacial da vida.

Além de propor que olhemos para as vivências das crianças em territórios diferenciados como forma de “desacostumar geografias”, Jader Lopes nos sugere o exercício de “desacostumar linguagens”, olhando para a potencialidade criativa das infâncias. E ele o faz, por exemplo, atribuindo ao livro a condição de “terreno baldio” e, em seguida, nomeando o sumário de “aspirações”. Esse movimento, de desacostumar, de “fazer do renascimento da palavra uma constante ressurreição” (Bakhtin, 2023) repetir-se-á muitas vezes durante a leitura e, também, com a incorporação ao seu léxico teórico-metodológico de palavras criadas por crianças em brincadeiras, como a palavra “Docha”.

O autor faz a interlocução de histórias da sua própria infância, histórias de outras crianças, bebês e adultos – em diferentes tempos e espaços –, relatos de pesquisas e referências literárias com a geografia das infâncias (Lopes; Vasconcellos, 2005), a teoria histórico-cultural, a filosofia da linguagem e autores como Lev Vigotsky, Alexander Luria e Mikhail Bakhtin. Ainda compõem o livro, crônicas e

poemas do autor, imagens de mapas e objetos produzidos por crianças, além de ilustrações e fotografias. Essa escolha epistemológica, não hierárquica, mostra-se ética e política e demonstra que “a gente não se faz como gente sozinho” (Lopes, 2021, p. 29).

Estruturalmente, a obra está dividida em 13 capítulos (nomeados “livros” e numerados de zero a 12) que trazem, logo abaixo do seu título, verbos como palavras-chave que nos revelam o modo de o autor articular vivências, interpretar os escritos e ampliar conceitos de outros teóricos que fundamentam as suas pesquisas. Entre esses verbos, alguns são de uso mais frequente e de compreensão mais direta:

- liar (-se às pessoas e outras formas de vida, ao mundo);
- enlear (assim como os bebês, emaranhando-se nos espaços);
- estilhaçar (em referência ao registro fotográfico feito por Nick Ut da menina Phan Thi Kim Phúc, que aparece correndo nua durante um bombardeio na Guerra do Vietnã e, também, ao livro *O homem com um mundo estilhaçado*, de Alexander Luria);
- germinar (sobre as sementes de frutas engolidas na infância e que os adultos, num misto de fazer medo e fazer rir, dizem que germinarão);
- fabular (diz respeito à importância da imaginação e ao termo “atividade criadora”, de Vigotsky);
- metamorfosear (sobre como as pessoas se transformam com o meio e o meio se transforma com elas, como viver “à moda paisagem”);
- desacostumar (os espaços).

E outros nem tão usuais, não dicionarizados, mas não menos legítimos:

- girinar (que vem do ato de pescar girinos na infância);
- galeriar (imaginar e adentrar espaços como se fossem galerias, “moradas do sonho”, na concepção de Walter Benjamin (2009), em seu livro *Passagens*);
- arvorear (-se, no sentido de enraizamento das aprendizagens, de Vigotsky);
- e
- verbear-criançar (num exercício de abandonar lógicas adultocêntricas, observando as vivências das crianças nos espaços para que outras espacialidades e linguagens existam).

Ao propor uma teoria sobre a espacialização da vida, Jader Lopes amplia o conceito de vivência (*perejivanie*) desenvolvido por Vigotsky e entendido como a relação de unidade, simultaneamente, independente e indissolúvel entre o sujeito e o meio social, ressaltando nele a dimensão espacial. Vivência espacial é, portanto, potencialidade. Resgatando a história pessoal do teórico bielorrusso desde a sua infância, descrita por Sobkin (2017), que vê no seu interesse precoce pela filosofia de Spinoza, pela literatura de Shakespeare, bem como na sua relação com a arte,

mas, sobretudo, nas suas críticas teatrais, o conjunto de postulados para a formulação da teoria histórico-cultural, logo,

[...] é olhando para o palco e a plateia, para esses dois panos que se encontram, para suas fronteiras, que Vigotsky tece a concepção de vivência, pois, assim como na estética teatral, em que o plano social (o do espetáculo) e o plano individual se fundem para o emergir do novo, em cada um dos que ali se presentifica, a vida também se faz. Esse movimento que vem do palco passa singularmente por cada um e retorna ao palco, em um processo constante, em uma oscilação em que se desenvolve o existir das pessoas e do grupo. (Lopes, 2021, p. 100).

Com essa analogia entre a vida e o teatro, estando sujeito e meio num mesmo plano, o autor demonstra que é na confluência da filogênese e na consideração dos movimentos da trajetória humana que compõem a sociogênese, que a ontogênese humana se transforma, revelando os processos superiores humanos. Ao evidenciar o espaço geográfico como forjador de culturas, a partir do meio social, a topogênese possibilita a criação do novo. Para Lopes (2021, p. 112), “reconhecer a gênese do *tópos* é reconhecer a condição autoral humana”, que se converte em liberdade espacial. Esse movimento caracteriza bebês e crianças como sujeitos geográficos ativos, seres humanos em *continuum*, produtores de culturas, linguagens, espacialidades e tempos.

A palavra “Docha” aparece pela primeira vez no “livro 7” e transforma-se em conceito, reaparecendo muitas outras vezes ao longo da publicação. Após descrever a cena cotidiana de uma creche, onde nenhum dia é igual ao outro, em que crianças, ao ouvirem uma história sobre animais do cerrado, transportam-se para esse ambiente e trazem-no para o momento presente, Jader Lopes (2021, p. 133) nos conta que,

[...] nessa mesma creche, um projeto desenvolvido com crianças sobre dinossauros chegou à conclusão, após intenso debate sobre a extinção desses seres na superfície terrestre, que houve, sim, o choque do meteoro que atingiu nosso planeta há alguns milhões de anos atrás. Mas ele não foi responsável pelo desaparecimento, uma outra hipótese foi criada, eles fugiram para um local chamado “Docha”, um outro mundo e aí estão até hoje, escondidos dos seres humanos e vivendo suas vidas.

Com esse relato, o autor nos mostra a potência da criatividade das crianças em relação à linguagem e à gênese do espaço, a topogênese. Ele argumenta que se a vivência é a inter-relação entre o plano social e o plano pessoal na vivência espacial, Docha (agora como conceito, por isso sem aspas) se constitui como interespaçialidade. Este não é um lugar entre dois mundos já existentes, não é um entrelugar, é um novo lugar. Docha, ou a interespaçialidade, representa a unidade, e, também, a contiguidade, pois não diz respeito à internalização do mundo externo pelo mundo interno, mas ao que acontece entre os movimentos existentes no espaço, e em bebês, crianças e pessoas adultas. Ao assumir que toda relação espacial é interespaçial, o autor nos propõe, ainda, o deslocamento da noção de identidade (atrelada muitas vezes erroneamente ao território) para a de alteridade, compreendendo-se que

a relação entre espaços e pessoas é comumente mediada axiologicamente e produz peculiaridades que nos formam como indivíduos.

Muitas são as ideias, os conceitos e os termos apresentados nesta obra, reelaborados, oxigenados, recarregados de vida, que nos fazem, em nossas vivências com crianças, dispensar os cristalizados topoadultocentrismos. A título de conclusão, gostaria de destacar a proposta de amorosidade espacial e justiça existencial, termos interdependentes, que em sua concretude manifestam-se como elos da interespacialidade. Partindo da ideia de Paulo Freire (2004), que o ato amoroso é um ato político, capaz de transformar o mundo, liada à concepção do ato ético, ou ato responsável, de Bakhtin, o qual vê a ação como uma forma de comprometimento diante do outro. O autor enseja o reconhecimento de que crianças e bebês se relacionam com a sociedade, entre tantas outras potencialidades, como criadores de cultura espacial, embora, muitas vezes, sejam colocados à margem, numa condição de menores. Jader Lopes (2021, p. 166), chama nossa atenção, então, para uma amorosidade ética e insubmissa “que rompa com as desterritorialidades das palavras e dos movimentos, que permita a efetiva transformação”, reconhecendo que,

[...] a criança não está no espaço, não está no território, não está no lugar, nem na paisagem; ela é o espaço, ela é o território, ela é o lugar, é a paisagem e, por serem produtoras de cultura e de geografias, enriquecem nossa condição humana. (Lopes, 2007, p. 55).

Por fim, posso dizer que não estive naquela creche e nunca pisei em Docha (pelo menos não fisicamente), sequer havia ouvido falar de tão elaborada teoria sobre o desaparecimento dos dinossauros da face da Terra. Mas, como uma pessoa que acredita na invenção e reinvenção dos espaços por crianças e bebês, posso afirmar, com toda a convicção, que Docha vive em mim!

188

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. *Geografia da infância: reflexões sobre uma área de pesquisa*. Juiz de Fora, MG: Feme, 2005.

LOPES, J. J. M. Geografia das crianças, geografia da infância: algumas reflexões para quem produz geografia com as crianças. In: REDIN, E.; MÜLLER, F.; REDIN, M. M. (Org.). *Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007. p. 43-55.

LURIA, A. R. *O homem com um mundo estilhaçado*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SOBKIN, V. As resenhas teatrais de L. S. Vigotski como início da concepção histórico-cultural. In: *ESTUDOS sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski*. Brasília, DF, UniCEUB, 2017. p. 7- 33. (Veresk Cadernos Acadêmicos Internacionais, v. 3). Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/11339/3/VERESK%20%281%29.pdf> . Acesso em: 15 ago. 2023.

Sonia Maria Fernandes, mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na mesma universidade, na linha de pesquisa Diversidade, Diferença e Desigualdade Social em Educação. Atua como professora da educação básica nas redes municipais de Curitiba e de São José dos Pinhais, no estado do Paraná.

soniamaria@ufpr.br

Recebido em 30 de março de 2023

Aprovado em 13 de julho de 2023